

Humor gráfico – apontamentos sobre a análise das charges na História.

Vinícius Liebel

(Mestrando em História pela UFPR e bolsista do CNPQ)

Ao acordar pela manhã, muitas pessoas têm o hábito de buscar num jornal seu primeiro contato com o novo dia. Procuram nele informações que os ajudarão a manter conversas profissionais ou amigáveis nas próximas vinte e quatro horas, ou ainda notícias que determinarão suas ações, que os ajudarão a escolher seu entretenimento e saciarão sua curiosidade sobre determinado fato ocorrido. Há ainda diferentes formas de se ler o jornal. Alguns começam pela capa e seguem a ordem dos cadernos até o fim. Outros verificam a capa, passam para o caderno de esportes ou de cultura e seguem uma ordem própria. Existem os que extraem do jornal um ou dois cadernos e já se dão por satisfeitos. Poucos, entretanto, deixam de verificar a charge do dia.

Quando lê os jornais, a maioria das pessoas escolhe os assuntos que mais lhe interessam para analisar mais detidamente, demandando um pouco mais de tempo. A charge, porém, não requer o tempo que o texto exige para a leitura, absorção e interpretação da informação. Trata-se de um discurso pictórico e, portanto, de quase imediata absorção. Esse imediatismo eleva o número dos “leitores” da charge, visto que tampouco a habilidade da leitura se faz necessária. Analfabetos e crianças também fazem parte do público consumidor das charges e, em certa medida, também são por elas influenciados na constituição de uma opinião própria sobre o assunto abordado. Temos, entretanto, de fazer a ressalva que para compreender a charge o espectador tem de estar inserido em seu contexto ou ter conhecimento do contexto sob o qual a charge foi criada. Assim como qualquer espécie de linguagem, a charge, para ser entendida, precisa chegar àqueles que detêm as chaves para interpretá-la corretamente.

Esta característica também é natural da caricatura, que se diferencia da charge no que tange o objeto de sátira. Enquanto a caricatura refere-se a apenas um indivíduo, contendo a representação exagerada dos traços mais marcantes do mesmo, a charge se

utiliza da caricatura para melhor representar seu real foco de pilhéria, qual seja, uma situação política. Essa é a razão principal pela qual o observador da charge deve ter conhecimento da conjuntura na qual a charge foi produzida e, em muitos casos, dos personagens retratados nos desenhos.

A charge é uma representação artística que faz um corte transversal no tempo ao expor elementos que provocaram alguma ruptura na normalidade histórica e, por isso, mereceram alguma espécie de crítica ou registro em desenho. É, portanto, uma visão plena de parcialidade, pois carrega consigo não só as idéias e preconceitos do seu autor-desenhista, mas também toda a linha editorial do meio no qual ela é inserida. Assim, justifica-se a utilização das charges como uma fonte legítima de análises históricas, no mesmo grau em que uma matéria jornalística também o é.

Na metodologia de análise de charges percebemos alguns cuidados que devemos ter antes de estipularmos valores maniqueístas aos desenhos. O primeiro é a percepção das características do meio no qual a charge é reproduzida. A linha editorial do jornal ou revista muitas vezes dá ao historiador a noção do público ao qual a charge é dirigida. Uma charge veiculada no *Völkischer Beobachter*, jornal oficial do Partido Nazista, jamais falaria bem de judeus e comunistas em detrimento dos nazistas. Assim sendo, é de se supor que nem judeus nem comunistas fossem compradores regulares do diário em questão.

Outro fator que se deve pesar no estudo destas fontes é a composição da mesma, especialmente levando-se em consideração o lugar no qual o desenho é ambientado, as mensagens contidas no segundo plano da charge e as expressões das personagens. Ao tomarmos como exemplo de análise a charge de Belmonte¹, intitulada “O Grande Discursador”², datada de 11 de novembro de 1942, podemos visualizar como estes elementos determinam o teor do desenho.

Em primeiro lugar, o ambiente no qual parece se passar as cenas é uma bancada, na qual o *Führer* discursa em dois momentos, situados no tempo como “ontem” e “hoje”. Junto dele está Hermann Göring, comandante em chefe da Força Aérea Alemã e uma das figuras mais caricatas do regime nazista. No fundo, uma bandeira nazista completa o quadro

atrás de Hitler, detalhe comum nos comícios nacional-socialistas. No “ontem”, a bandeira está inflada, representando a opulência do regime hitlerista. Em contraste, no segundo momento encontramos a bandeira enfraquecida, aparentemente caindo. Em outras palavras, a bandeira passa a noção de que, naquele momento, Hitler e seus seguidores já não contavam com o prestígio e a força que lhes caracterizavam o primeiro quadro.

Da mesma forma, faz-se necessária a caracterização dos personagens de forma a se reconhecê-los. Utiliza-se então o artifício da caricatura, um desenho humorístico satirizando os principais traços do retratado, mas sem exageros, pois assim o reconhecimento fica falho. Na charge em questão, os caricaturados são Hitler e Göring. Ambas conseguem reunir nos traços permanentes características centrais do físico de ambos: a obesidade de Göring, o nariz grande e levemente arrebitado de Hitler e seu indefectível bigode são os exemplos mais claros disso.

O teor da charge, entretanto, se encontra nos traços não permanentes. Constituem os traços não permanentes das caricaturas aqueles utilizados pelo desenhista para demonstrar as emoções dos personagens. Na primeira, os olhos de Hitler demonstram impetuosidade e heroísmo. No gesto de sua mão encontramos um símbolo de autoridade e certeza. Os olhos atentos de Göring assistem ao discurso e demonstram satisfação, assim como o sorriso em seu rosto. No segundo quadro os olhos do *Führer* demonstram mal-estar, sentimento acusado também por suas mãos sobrepostas no abdômen. A morosidade de sua platéia é simbolizada pela mudança de estado de Göring, que, ao contrário do primeiro quadro, demonstra tédio e desalento.

Fica-nos clara a intenção do autor da charge ao analisarmos estes detalhes técnicos do desenho. Com a definição temporal (o ontem e o hoje de Hitler), o artista está claramente acusando a derrocada da ideologia e das ações militares nazistas. Temos que lembrar que o desenho foi feito em novembro de 1942, quando a URSS já iniciava sua ofensiva de contra-ataque à Alemanha e os exércitos alemães perdiam combates importantes.

Há ainda um outro elemento que podemos, assim como em qualquer manifestação artística imagética, encontrar como indicadora da intenção do autor: a luminosidade da

imagem. O sombreamento e a falta de luminosidade podem manifestar a idéia central do autor, especialmente quando esta idéia vem acompanhada de um julgamento contrário aos atores ou à idéia da charge. Novamente recorremos a um exemplo de Belmonte para ilustrar a idéia.

Em desenho de 25 de agosto de 1944³, o chargista lança mão de citação de um dos comícios de Hitler para apontar a idéia central da ilustração. Na parte superior do quadro, lê-se “O futuro da Alemanha repousa sobre sua juventude”. No centro, vemos um Hitler preocupado e desesperançoso. O motivo de sua preocupação está explícito nas milhares de cruzes que compõem o segundo plano do desenho, cruzes estas que simbolizariam a morte dos jovens soldados alemães e a derrocada alemã na guerra. A mensagem da imagem se completa com a iluminação – ou a falta dela – ao redor do personagem. As nuvens negras e o ambiente escuro passam-nos as idéias de desespero e solidão, idéias que se tornam realidade na visão de Belmonte sobre o momento alemão. O autor aponta claramente a inevitabilidade da derrota da Alemanha, bem como prevê um futuro sombrio ao país que perdeu boa parte de sua juventude na guerra.

A grande arma das charges, entretanto, não são os detalhes técnicos que consideramos até aqui. Trata-se, em verdade, do humor, que perpassa a grande maioria das charges e atua como um agente corrosivo. A ridicularização de ações e de personagens através das charges tem, como seu principal promotor, o riso que a situação cômica retratada incita. O escárnio provocado sobre a figura de Hitler nas charges de Belmonte promove o riso do leitor que, ao rir, subjuga-o inconscientemente. Desta forma, a sátira diminui e desmitifica a figura do *Führer*, colocando-o numa situação de inferioridade em relação ao próprio leitor.

Esta ação tem seu desdobramento no estado consciente do indivíduo, que perde o respeito e o possível medo que teria da figura do ditador nazista. O medo e o respeito são sentimentos aflorados por pessoas que consideramos superiores ou iguais, que de alguma forma podem nos prejudicar. Ao rirmos se esvaem o respeito e o medo, restando apenas os sentimentos de preeminência e, num extremo, de ódio ao retratado.

O mecanismo de descrença no poder ou na autoridade do alvo de pilhéria foi magistralmente demonstrado por Umberto Eco em seu romance *O Nome da Rosa*. Nele, Jorge, o monge responsável pela biblioteca do mosteiro, empenha-se em manter longe de olhos públicos o segundo livro da Poética de Aristóteles, livro considerado perdido pelos estudiosos. O tratado do filósofo grego mostraria os benefícios do riso e citaria, entre eles, a perda do medo. O temor do monge Jorge era justamente que os fiéis perdessem a fé por perderem o medo da morte e da autoridade divina através do escárnio, abrindo brechas também para a perda do medo do diabo e para a possibilidade deste reinar. Isso porque “o riso libera o aldeão do medo do diabo, porque na festa dos tolos também o diabo aparece pobre e tolo e, portanto, controlável.”⁴ A dicotomia do riso aparece aqui perfeitamente ilustrada: da mesma forma que a sátira a Hitler pode promover a perda do medo que se possa ter dele e, desta forma, a perda de apoio que lhe poderia ser concedido, o riso também pode trazer a subjugação, que sempre carrega consigo o perigo da surpresa e da derrota causada pela falta de precaução contra as ações do inimigo, crendo na sua fraqueza e na sua vulnerabilidade.

Apesar do risco da subjugação, as charges se mostram um agente eficiente na obtenção de apoio a uma causa ou a uma personagem política e, assim, torna-se um agente de formação da opinião pública. Por ser normalmente veiculada na *mass media*, a charge atinge uma grande quantidade de indivíduos que, ao rirem da idéia passada, inconscientemente concordam com ela.

Essa dinâmica é trazida até nós pela teoria freudiana do humor⁵. Nela, o psicanalista austríaco defende que o riso seria um liberador das emoções reprimidas. Desta forma, por trazer o prazer da liberação do *stress* emocional, o riso seria uma manifestação individual e egoísta. “O riso compensa, em seus efeitos, o dispêndio contínuo de energia, exigido para manter as proibições que a sociedade impõe e os indivíduos internalizaram.”⁶

Pelo fato do chiste ser uma forma de busca da aprovação e do prazer, o produtor da piada não pode passar por inculto ou imbecil – o que lhe traria mais frustrações. As palavras usadas e a piada a ser proferida devem ser cuidadosamente articuladas e devem

passar por uma crítica antes de sair da boca ou da pena. Baseado nisso, Freud indica dois momentos na concepção do chiste: o jogo e o gracejo. O jogo refere-se ao momento em que as palavras (absurdas ou não) “brincam” na mente, como as palavras na cabeça de uma criança. Porém, o jogo logo perde a graça e passa a ser condicionado à crítica, onde será julgado absurdo ou não. Passando pelo processo seletivo, vem o gracejo, com a formulação e a prática do chiste. Trata-se de um processo consciente que visa à fuga da crítica. E, se depois de proferido, o chiste nos faz rir, é porque tomamos uma posição favorável à crítica a que o chiste se dispõe (pois todo chiste hostil é uma forma de crítica velada).

É neste ponto da teoria freudiana que encontramos a influência que o humor pode causar nos indivíduos. Como já dissemos, o humor causa o riso, e este traz a liberação das emoções e frustrações reprimidas no cotidiano do indivíduo, ou seja, o prazer por, em poucos momentos, sentir-se livre das amarras sociais a que estava atado. Essa sensação prazerosa causa no ouvinte/leitor um sentimento de “dívida” para com o comediante. Assim, inconscientemente, o espectador acaba por assimilar as idéias transmitidas pelo chiste como certas pela simpatia que a própria piada traz ao provocar a gargalhada.

Tendo este efeito no indivíduo, o riso também exerce o que o filósofo Henri Bergson definiu como uma “função reguladora da sociedade”. Em seu livro “O Riso”⁷, Bergson expõe a idéia de que o humor, enquanto estimulador do riso, visa principalmente o ponto de ruptura da harmonia social, ou seja, visa aquele indivíduo ou grupo que, seja por seus costumes, por sua natureza ou por sua índole, mostra-se diferente daquilo que é entendido como normal naquela sociedade. Desta forma, o chiste causa o riso ao abordar o “anormal” e automaticamente o sentimento de humilhação no indivíduo ou no grupo alvo da crítica, o que o leva a se corrigir ou ao menos a não demonstrar mais o erro. Nas palavras de Bergson:

Se Harpagon⁸ nos visse rir de sua avareza, eu não lhe digo que se corrigiria, mas a mostraria menos, ou a mostraria de outro modo. Podemos dizer desde já: é nesse sentido, sobretudo,

que o riso “castiga os costumes”. Ele nos faz tentar imediatamente parecer o que deveríamos ser, o que, sem dúvida, acabaríamos um dia por ser de verdade.⁹

Podemos encontrar a veracidade das palavras de Bergson no fato da sociedade ser moldada por um imaginário que é influenciado pelos jornais e, também, pelas charges neles veiculadas. Assim como rir de uma ação de um indivíduo traz uma série de frustrações e recalques ao seu inconsciente e leva-o a tentar se modificar, o rir de um político, de uma ação ou de um agente de poder mina a autoridade que este exerce sobre a população e sobre o imaginário. Desta forma, ao estudar as charges estamos estudando características de toda uma sociedade, ou de um segmento dela, e o imaginário que a determina.

¹ Pseudônimo de Benedito Bastos Barreto, chargista da Folha da Manhã e da Folha da Noite, de São Paulo.

² BELMONTE. **Folha da Noite**, 11 nov. 1942. In: BELMONTE. *Caricatura dos Tempos*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982. p. 78.

³ BELMONTE. **Folha da Noite**, 25 ago. 1944. In: BELMONTE. *Caricatura dos Tempos*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982. p. 78.

⁴ ECO, Umberto. **O Nome da Rosa**. Rio de Janeiro: O Globo, 2003. p. 455.

⁵ FREUD, Sigmund. **O Chiste e sua relação com o Inconsciente**. Rio de Janeiro. Imago, 1977.

⁶ Cf. SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso** – A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo. Cia das Letras, 2002. P. 23.

⁷ BERGSON, Henri. **O Riso**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 4.

⁸ Personagem da peça L'Avare, de Molière, cuja característica principal é a avareza.

⁹ BERGSON, **op. cit.**, p. 13.